

NO DIA 10 DE JUNHO

por Mário Soares

No dia de Camões, 10 de Junho, desde a Revolução dos Cravos, sem se falar mais no dia da Raça, como antigamente, nem de Camões, apesar de ser o seu dia, o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva foi particularmente infeliz, como tem vindo a ser, desde o início deste seu último mandato. Por várias razões. Não só por referir os "cidadões", o que não foi a primeira vez que aconteceu, mas porque o discurso foi absolutamente nulo. Não só não referiu nenhum dos problemas que afectam a esmagadora maioria das portuguesas e dos portugueses - como se isso não interessasse nada - e falou da coesão nacional como se não houvesse uma questão social gravíssima, entre o Povo, os Sindicatos e a Classe Média, que está a desaparecer aos poucos, e o actual Governo, que o Presidente protege, apesar de estar a destruir Portugal.

O medo voltou a existir no nosso País, como a corrupção generalizada e o Presidente da República, que não pode deixar de saber isso, também tem vindo a demonstrar pelo seu silêncio, que tem medo de falar, por exemplo, na incapacidade da Justiça para meter na cadeia os corruptos.

Ocupou-se a referir o pós Troika, como se ignorasse as mudanças que estão a ocorrer na Zona Euro. A própria Chanceler Merkel começa a perceber que a actual política de austeridade imposta pela Alemanha, está a ser fatal para ela própria, porque não há mais dinheiro, entre os Estados vítimas da austeridade, para pagar as exportações alemãs. Quem sabe o que serão as diferentes Troikas, daqui a nada menos do que uns meses, quanto mais a uns anos?...

Em comparação com o discurso de Cavaco Silva, em Elvas, e para além das vaias que se ouviram pela população local, contra o Presidente e o Primeiro-Ministro, o discurso do Presidente da Comissão Organizadora, Silva Peneda, teve princípio, meio e fim, e uma efectiva substância. Uma comparação que envergonha Cavaco Silva.

Por outro lado, um ponto do seu discurso foi a chamada de atenção para o desenvolvimento da agricultura. Quem o ouve e quem o ouviu. Não foi o primeiro-ministro Cavaco Silva que disse, quando começaram a vir, depois da nossa adesão à CEE, os primeiros apoios a Portugal, que, cito, "a Agricultura é para esquecer"? Como aliás as Pescas e a Marinha Mercante... Muitos portugueses se lembram disso.

O Presidente considera que no Governo Passos Coelho não se deve mexer porque, ao que diz, é legítimo. Saberá que o Governo está completamente paralisado há cerca de um mês? Perdeu completamente o rumo e não sabe o que fazer e por isso não comunica com ninguém e pela segunda vez os Orçamentos que apresentou foram chumbados pelo Tribunal Constitucional. E quanto ao Orçamento rectificativo, já alguém sabe em que consiste?

Senhor Presidente Cavaco Silva lembra-se das vaias de que foi vítima - com o Primeiro-Ministro - e do número de polícias portuguesas ser enorme, mas, mesmo assim, não ter chegado para defender Suas Excelências e, pelo sim pelo não, estar preparada a polícia espanhola para intervir? Não se admire, assim, que Presidente e Governo vão acabar mal, infelizmente o digo...

Passos Coelho, tem agora catorze seguranças permanentes para o protegerem, ao que anunciaram os jornais. Mas o Governo, todo ele vaiado, sempre que sai à rua não se sabe quantos terá e sobretudo quanto isso nos custará, apesar do empobrecimento geral da população.

Mas o pior é que está paralisado, não comunica com o Povo e, quando age, só estraga a situação porque não bom senso.

Veja-se como actuou o ministro da Educação, Nuno Crato, para com os professores, criando um imbróglio inútil, muitos dos quais ameaçados de perderem os seus lugares. Não dialogou com eles e quis mostrar a sua força, o que só o desprestigiou. Vinte mil alunos não fizeram o exame nacional de português, segundo descreve o Jornal I e a greve cerca de 90% de adesão dos

professores, alguns, mães e pais dos alunos. Resultado, como escreve o Público: "directores, pais e alunos culpam Crato por um dia para esquecer".

Lisboa, 20 de Junho de 2013